

II

O PROJETO GRANDE SÍMIO ESPANHOL

The Spanish Great Ape Project¹

*Paula Casal*²

Vice-presidenta de PGSE (ESP)

Pedro Pozas

Diretor Executivo de PGSE. Colaborador.

pedrop@proyectogransimio.org

Recebido em 13.05.2014

Aprovado em 10.06.2014

RESUMO: O artigo narra a história do nascimento e solidificação desse projeto na Espanha. Após descrever alguns casos comoventes, como o do chimpanzé Guillermo, que foi aprisionado nas Ilhas Canárias, os autores apontam um futuro sombrio para os grandes primatas, devido a destruição acelerada dos seus habitat. O projeto do Grande Símio Espanhol (PGSE) foi organizado para salvar grandes primatas, isto é, gorilas, orangotangos, chimpanzés e bonobos, especialmente na Espanha, e visa evitar maus-tratos, abusos sexuais, exploração em laboratórios, circos e tantas outras práticas realizadas contra estes animais. Os relatórios mostram dados assustadores, e a atuação deste projeto é uma forma indispensável para garantir a integridade e liberdade desses desses primatas.

Palavras-chave: Proteção animal. Crueldade. Direito animal. CITES.

ABSTRACT: The article tells the story of the birth and consolidation of the Great Ape Project in Spain. After describing some poignant cases, such as the chimpanzee Guillermo, who was imprisoned in the Canary Islands, the authors suggest a bleak future for great apes, due to accelerated destruction of their habitat. The Spanish Great Ape Project (PGSE) was organized to save great apes, namely gorillas, orangutans, chimpanzees and bonobos, especially in Spain, and aims to prevent maltreatment, sexual abuse, exploitation in laboratories, circuses and other kind of cruelty against these animals. Reports show scary data, and the performance of this design is an essential way to ensure the integrity and freedom of these these primates.

Keywords: Animal protection. Cruelty. Animal Law. CITES.

SUMÁRIO: 1 Introdução 2. O início 3. as leis 4. As propostas 5. Os direitos 6. Campanhas 7. Notas de referência.

¹ Tradução de Heron Santana Gordilho, Professor Associado I da Faculdade de Direito da UFBA.

² Agradeço a Francisco Cuellar pelo envio de dados e documentos, e a Pablo Delora pela nota 11 e revisão da sec. II.

1 Introdução

Os grandes primatas são nossos parentes. Como nós, transmitem conhecimento, têm vida social e fabricam ferramentas e medicamentos. Eles se comunicam com as pessoas e as reconhecem. No entanto, nós não temos tratado com o respeito que eles merecem.

Kofi Annan, Secretario General de la ONU.

O que você quer saber? não venha para criticar eu e estes macacos que eu não quero, mas você não vai levá-los. Eles comem muito e não dão nada”. Realmente o recinto que contem o prostibulo durante o dia estava vazio. “Qualquer dia fogem, e eles simplesmente atiram e acabam com eles”. Olhamos-lhe horrorizado, e o proprietário foi justificando: "igual fazem danificando algo e eu não quero complicações" por trás do bordel encontraram os restos de vários primatas e três leões mortos a tiros. Dos oito chimpanzés, apenas quatro ficaram. A única sobrevivente foi apreendida para reprodução. Censo PGSE 2004³

O artigo que o leitor tem em suas mãos tem sido a semente de um novo movimento internacional, um movimento híbrido que descende do movimento em defesa dos direitos humanos e do movimento animalista: o projeto do grande símio. A informação contida nestas páginas tem feito em distintos lugares do mundo a formação de grupos dedicados a proteger não só os macacos em cativeiro, mas também aqueles que vivem em uma pequena parte dos seus habitats naturais que ainda não foi destruída pelas chamas, caçadores e motosserras.

Por isso, este artigo menciona muitas vezes como exemplo do poder motriz das ideias. Contudo, as ideias por si só não mudam em nada. É necessário que os leitores não se limitem a dizer ou pensar que se trata de um artigo comovente ou interessante, antes de volta a pôr na prateleira, e passar a outro tema. Por esta razão, este breve apêndice sobre o grupo espanhol procura informar o leitor do que tem sido feito por este país, e, sobretudo do que ainda tem que ser feito.

³ Censo PGSE 2004. Reproduz a nomeação porque ilustra muito bem o problema, mas omite as datas para não prejudicar nem as pessoas nem os macacos em questão.

2 O início

Na primavera de 1998, em um seminário no Instituto de Filosofia de Londres, Peter Singer expressava sua frustração com o impasse que sofreu o projeto do grande símio. Após a publicação deste artigo, vários grupos foram criados, mas em seguida as atividades começaram a declinar e ser esquecidas. Para tentar melhorar esta situação, começando com a Espanha, entrei em contato com várias universidades e grupos animalistas, bem como uma estudante de Direito em Washington chamada Lee Hall e um veterinário catalão chamado Jaume Colomer, que também queriam por em marcha o projeto do grande símio espanhol (PGSE). Esbocei um logotipo com traços de cada gesto de macaco nos pedindo para parar, e imprimir cartazes, folhetos e folhas de endereços e de firma. Para distribuir tudo isso, organizei um tour pela Espanha com Singer em abril de 1999, na ocasião da publicação da tradução do projeto do grande símio, e da Liberação Animal, para ele que havia escrito uma introdução para edição espanhola, à petição do autor e da editora Trotta.

A Associação para a Defesa do Animal (ADDA) financiou a viagem de Singer e coordenou esplendidamente a estadia em Barcelona, combinando um ato que chegou ao salão de Crônicas da Prefeitura, com uma visita a Copito e suas netas recém-nascidas, Nimba e Batanga. No ato da Casa das vacas do Parque do Retiro, em Madri, também participou Jesus Mosterín, a quem eu propus como vice-presidente e depois como presidente do projeto o grande símio Espanha. O tour terminou em um congresso na Universidade de A Laguna, que solicitou um artigo sobre o projeto para sua revista, ao que

responderam nove filósofos espanhóis.⁴ Durante o tour, eu reuni centenas de assinaturas em apoio ao projeto e endereços de novos membros e colaboradores, e ao final de um ano, após uma conferência sobre o PGSE no salão da reitoria da Universidade Autônoma de Madri, o grupo reuniu-se na Assembleia Nacional e se constituiu legalmente como associação, com Paco Cuellar como secretário-geral.

O início foi difícil. O projeto recebeu doações importantes, mas todas foram consumidas rapidamente nos Estados Unidos, de modo que eu não dispunha de mais dinheiro do meu bolso, operava a distancia desde Harvard, e cheguei a temer com medo de não ir em frente com o projeto. A chegada de Francisco Cuellar transformou totalmente o panorama.

Cuellar pai de família, sobrecarregado de trabalho em uma empresa de arquitetura, não lhe sobrava tempo. Mas já tinha experiência em outros grupos animalistas e em seguida se deu conta do que este necessitava. Quando ninguém dava um centavo pelo PGSE, Cuellar colocou o peso da associação em suas costas, realizando as tarefas mais trabalhosas e ingratas como criar e manter em dia uma página de apoio, com um índice de membros e correspondência com todos eles. Graças a Cuellar, o PGSE começou a crescer e a levar a iniciativa internacional.

Martín Álvarez desenhou gratuitamente todos os materiais da associação, incluindo cartões de Singer e outros representantes, e Cuellar e eu trabalhamos em um questionário eletrônico projetado para coletar dados sobre o Estado e parentesco dos símios, que logo foi adaptado para realizar não apenas o censo espanhol, mas também o americano.

⁴ Ver, P. Casal y P. Singer “El Proyecto Gran Simio y el Concepto de Persona”, *Laguna* 7 (2000) y “El Proyecto Gran Simio. Respuesta a los Críticos”, *Laguna* 8 (2001) y P. Casal, “El nuevo abolicionismo” *Isegoría* 21 (1999).

Apesar da escassez de recursos, começamos a produzir materiais com o novo logotipo e publicar uma revista editada por Cuellar. Começaram também os contatos para resgatar os símios mais maltratados, e para estabelecer grupos PGS em outros países. O novo escritório, especialmente os dos países latinos, não tem que projetar logotipos, carnes e cartões, fazer traduções e boletins informativos ou idealizar estatutos, pois podiam receber tudo feito desde Alicante. Assim, o modelo PGS Espanha começou a se espalhar pelo mundo.

Cuellar deu ao PGSE autofinanciamento transparente que necessitava de uma página web com vídeos, e uma sede permanente em sua casa em Alicante, que ocupou até que encontrou a pessoa certa para mudar a sede para Madri: Pedro Pozas. Ciente das vantagens de operar a partir da capital, ao conhecer Pozas lhe propôs a mudança, enquanto continua a trabalhar no grupo como de costume. Como expliquei na época, "para mim o PGSE é como uma pessoa que você quer muito e prefira que se vá com outro, porque você sabe que vai ser o melhor".⁵

Dada a nossa localização geográfica e de trabalho, nem Cuellar, nem eu tínhamos sido capazes de chegar tão perto quanto Pozas em relação aos símios, e em segundo lugar, em relação à mídia. Desde serviço de Conservação da Natureza, Pozas tem estado profundamente envolvido nos resgates, e tem uma estreita relação com os chimpanzés que se recuperaram em Madrid. Essas experiências, especialmente a de criar sua filha Sara, juntamente com o chimpanzé Kika⁶ e se apegar pelo chimpanzé Jenny empurrá-lo

⁵ A sede da PGSE que estava em Guadalest 5, 2(grau)-A, 03005-Alicante, dede de abril de 2000, passou em janeiro de 2004 ao setor de ilhas, 314-A, 28760-Madri. Telefones +34 (91)8046962 e 678708832.

⁶ Depois de ser apreendido por seis anos, já sem dentes e cheia de cicatrizes, Kika vivia na casa do nosso companheiro Manuel Fernandez, guarda do safari de Madri, como qualquer criança: cada manhã despertava em sua cama e ia para o banheiro se lavar e fazer suas necessidades e o dejejum e comia na mesa e logo saía a jogar. E lhe encantava pintar, desenhava nos quadros com orgulho para os visitantes. Quando chegava Sara que era dois anos mais nova, dava vários beijos e abraços, saiam para o jardim e jogar casas, e a tocar o tambor e xilofone. A hora da merenda via os simpsons que as encantava. Veja logo 1530, 1.9.2001,pp 54-55.

incansavelmente para preparar conferencias e comunicados de imprensa, e conseguiu dar um enorme impulso para o projeto em todos os níveis.

Desde incorporação de Pozas, o PGSE entrou em uma fase de alta atividade em que houve muito mais resgates, muito mais projeção de mídia e, mais atividade a nível internacional: além de ajudar a outros grupos como o nosso em outros países, agora temos também na África e Indonésia, projetos de educação, recuperação e reincorporação aos habitats dos símios órfãos e feridos. Pozas agora é nosso diretor executivo e trabalha com Joaquín Araujo, que veio a assumir a partir de Mosterín.

Tanto Cuellar como Pozas são exemplo de que uma pessoa pode alcançar se ao menos tentar. Realmente, não poderia haver melhor equipe. Infelizmente, porém, que é necessário contar com pessoas tão entregues e desenvolver tudo o que se relata para obter uma reforma legal que, como explica a seção seguinte, é basicamente o senso comum.

3 As leis

Quando começamos a descobrir qual era a situação dos macacos em nosso país, descobrimos que era muito pior do que imaginávamos. Durante décadas, especialmente nas áreas de turismo de massa, proliferaram os fotógrafos de rua, circos e os pequenos parques zoológicos. O fechamento desses negocios fez com que os símios usados neles, e seus descendentes, fossem espalhados por todo o país, à mercê de todos os tipos de pessoas, muitas vezes sem documentos ou proteção legal de nenhuma classe.

Para entender a precariedade de sua situação devem ser levados em conta em primeiro lugar, que os macacos não são animais de estimação ou animais de

granja, nem animais de laboratório, não fazem parte da fauna espanhola ameaçada de extinção. Portanto, não podem evocar a legislação que confere alguma proteção a esses grupos, e ficam, juridicamente, em uma espécie de terra de ninguém. Agora, por exemplo, estamos tentando resgatar Guillermo, um chimpanzé de doze anos de idade, que passou a vida inteira sozinho no escuro, em uma minúscula jaula cheia de lixo e excrementos em uma propriedade privada em La Orotava, permanentemente trancada em um espaço onde toca ambas as paredes simultaneamente. Guillermo sofre de ataques de ansiedade e se lança contra as grades, batendo, se batendo e depois caiu em um canto, derrotado e mergulhou em uma depressão profunda. Ele perdeu um olho e não sabemos se ele foi atingido ou se machucou no desespero.

Se Guillermo fosse um cachorro, e só o fato de tê-lo permanentemente trancado em uma gaiola que é pouco maior do que ele, sem possibilidade de saída e fazer suas necessidades, e alguns exercícios, seria considerado um delito.⁷ Mas como um homínídeo, ainda que sofram mais do que um cão, as mesmas ações dirigidas contra ele não são consideradas delito.⁸ E se não fizermos algo para mudar as leis, Guillermo passará assim outros doze anos, e outros doze, e outros doze, e outros. E, nessas condições, a símio-Chita, chimpanzé dos filmes Tarzan, completou em abril 75 anos; é uma maldição real.

⁷ O artigo 337 do CP modificado pela lei orgânica de 15/2003, de 25 de novembro de: os que maltrataram com crueldade e injustificadamente animais domésticos, causando a morte ou provando lesões que produzam graves prejuízo físico serão castigados com a pena de prisão de três meses a um ano de desqualificação especial de um a três anos para o exercício da profissão, escritório ou comércio que tenha relação com os animais. O artigo condena a crueldade dando entender e ser permitido a crueldade justificada. Tampouco inclui os dados psicológicos, causados por negligência, de modo que inclui este artigo, não fosse aplicado só para os animais domésticos, nem estará dando a Guillermo a proteção necessária

⁸ A lei 22/2002 de 4 de julho da proteção dos animais da Catalunia inclui os animais exóticos e selvagens que habitam os domicílios privados entre os animais de companhia e consideram infração muito grave manter um animal em condições de higiene e bem estar prejudiciais para a sua saúde. Se Guillermo vivesse na Catalunia, seus proprietários estariam agora recebendo multa de 20.000 euros

Há duas leis nacionais que são diretamente aplicáveis aos macacos: o acordo CITES e a lei dos zoológicos. Como veremos, nenhuma delas protege os indivíduos como Guillermo. Em primeiro lugar, Guillermo não se qualifica para chegar ao acordo sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora Silvestres (CITES), assinada em Washington em 3 de março de 1973, e ratificada pela Espanha em 16 de maio de 1986; ou pelo Regulamento 338 / 1997 do Conselho, de 9 de Dezembro de 1996, relativo à proteção das espécies da fauna e da flora selvagens através do controle do comércio.⁹

Esta norma, que está sob o Ministério de Comércio Exterior e Ministérios do Trabalho, Turismo e Comércio, proíbe a entrada na União Europeia, não justificada por fundamentos científicos, os animais listados no Anexo I da CITES. Assim, enquanto este acordo internacional tem sido útil na redução do número de espécies ameaçadas de extinção, não se aplica aos macacos que já estão em território espanhol, porque chegaram à Espanha antes de 1986, ou porque eles são os filhos deles.

Através do acordo CITES, os países signatários se comprometem a "contribuir para a conservação dos espécimes sem risco para a sua saúde", "desencorajar o comércio ilegal" e "soluções adequadas" para animais ameaçados. "Vinte anos depois, surge um decreto real de 17 de Novembro de 2006, regulando o destino de espécimes ameaçadas protegidas da fauna e da flora mediante o controle de seu comércio", promete o fim de tão demorada solução.

Tivemos alguma esperança de que eles acatem a nossa proposta para financiar os custos de remoção e tratamento dos espécimes apreendidos por um

⁹ *Diario Oficial da Comunidade Europeia, DOZE*, serie L nº 61 el 03/03/97, modificado pelo Reglamento 1497/03.

imposto sobre a venda de espécies exóticas.¹⁰ Assim, os problemas poderiam ser aliviados com as atividades que os geram. Também poderiam exigir dos contrabandistas que financiassem a reintrodução de espécimes apreendidas em seu habitat natural, e quando isso não for possível, a sua manutenção em centros de resgate. Tais medidas honram o acordo CITES para impedir o contrabando e proteger as espécies, enquanto que nos permitiriam atender os espécimes exóticos. Infelizmente, a lei estabelece planos muito diferentes.

O decreto começa por recordar que no âmbito da CITES, quando confiscar espécimes ilegalmente retirados de seu habitat, depois de "consulta do Estado de exportação", vai "devolver o espécime a esse Estado, a sua própria custa." Isto significa que se um desses países muito pobres quiser devolver os seus macacos, eles têm que pagar os custos. Dada à extrema pobreza das vítimas do roubo, podemos supor que eles não vão repatriar qualquer um dos macacos sequestrados. Além disso, o decreto diz que "o introdutor da amostra" ou contrabandista, simplesmente financia a sua "propriedade e custódia em um centro de recuperação" (art. 7,4) até que seja concedido "o tratamento regulatório aprovado ou sujeitos a perda sob juízo. "Por que pressa para salvar tais contrabandistas? Alguém poderia pensar que, como os espécimes serão devolvidos e seus descendentes ficam sob a cautela do Estado (art. 8.1) a partir do momento da sentença, será este e não o ex-proprietário, para mantê-los em centros de resgate. Mas, novo decreto tem planos diferentes:

"Se for impossível a reintrodução do espécime inadequado à vida selvagem, sua missão de mantê-los em cativeiro ou a sua doação para pesquisa ou as espécimes estavam sofrendo de uma doença incurável, crônica ou infecciosa, a eutanásia pode ser aplicada, e se for caso disso, a destruição do espécime da planta. "(art. 8.4).

¹⁰ Essa proposta surgiu a partir de uma consulta da Fundação Darwin e CATICE e foi ideia de Cuellar.

Em suma, de acordo com este decreto, a intervenção oficial correta poderia ser esta: para encontrar um traficante que tem um chimpanzé em uma jaula imunda desnutridas, avaliar (art. 4.2) e alienado, digitando o valor no Tesouro (art. 10.4) e passar ele para outros individuais que negocie com símios e o coloque em outra gaiola imunda. Por não alterar as condições de imobilidade, desnutrição ou tempo, as condições dos chimpanzés tendem a se cronificar. A solução é matá-los ou entregá-los a um terceiro, ou laboratório, taxidermista ou bordel. Obviamente, o Estado não pode lidar bem com as criaturas que são como crianças de dois ou três anos.

O decreto acrescenta que "todos os espécimes vivos apreendidos pela CITES, incluindo aqueles que foram apreendidos antes da entrada em vigor do presente decreto real, devem ser alojados em centros de resgate dentro de 24 meses a partir dessa data"; correspondente ao Secretariado-Geral do Comércio Exterior "gerir ou trabalhar para a criação de Centros de resgate da CITES ou a ausência de suficientes ou adequados a menos que o existente" (art. 3.1). Mas a lei não diz que ele vai criar todos os centros necessários a tempo para acomodar todos os espécimes apreendidos na programação.

O Decreto também determina a criação de um registro de espécimes CITES apreendidos. Nós fizemos uma pesquisa muito mais detalhada e abrangente do que jamais faria a Administração e, em princípio, consideramos um registro estadual como algo necessário. No entanto, se tudo o que fizer com os macacos seja avaliá-los, entregá-los a qualquer jardim zoológico ou laboratório, ou matá-los, talvez seja melhor ter o censo bem escondido.

A outra lei estadual diretamente aplicável aos macacos é a Lei 31/2003, de 27 de outubro, sobre a conservação da vida selvagem em zoológicos. Esta lei, que exige que os jardins zoológicos evitem fugas e transmissão de pragas e fornece condições adequadas para a sobrevivência e reprodução, é uma lei

muito vaga, que na prática, não protege adequadamente os macacos nos zoológicos.¹¹ Na verdade, a Espanha não tem macacos nos zoológicos em condições aceitáveis.¹² Além disso, esta lei não se aplica a pequenos jardins zoológicos ou permanentes. Também não se aplica aos circos, lojas de animais, fazendas, empresas de turismo ou propriedades privadas, como esconderijo de Guillermo. Nem mesmo se aplica aos parques públicos como o Conselho Municipal de Telde, onde encontramos Lulu e Lucas em um profundo estado de depressão, enquanto estava sendo apedrejados por crianças brincando no parque.

Nós somos apenas voluntários. As pessoas nos dizem alarmados que em uma estrada aberta em Valência tem uma caravana cheia de macacos, sem água ou ar, que eles vão morrer de calor lentamente. Foi assim que encontramos há alguns anos os tios de Sara, a chimpanzé do programa televisivo Crônicas Marcianas; eles tinham encontrado um caminhão abandonado cheio de macacos de circo, que é a forma como encontramos recentemente a família de Sammy, e é difícil acreditar que não há lei que proíba. Mas é como infelizmente temos visto e novamente com os nossos próprios olhos, na Espanha, pessoas criando macacos, explorando, maltratando, abandonando ou até mesmo os matando.

¹¹ A Comissão Europeia abriu um processo contra a Espanha para o estado lastimável de 96 grupos zoológicos, um terço dos quais estão nas Canárias, que violam a directiva 1999/22/CE, de 29 de março. Ver o dia, 29/03/2007

¹² De fato, encontramos chimpanzés vizinhos do bordel, em muitos aspectos, melhor do que em muitos jardins zoológicos para os recursos restantes: ainda que comece pior, e não tivesse muito espaço, pelo menos durante o dia estava calmo, e ficavam bem, e poderia trabalhar fora balançando no teto da gaiola, algo impossível em zoológicos abertos. Não sofriam o stress dos zoológicos ricos: o assédio permanente das massas, a música ensurdecadora, o fardo da humanidade e rugido constante das cataratas decorativas, as descargas elétricas que recebem ao tocar a decoração vegetal. Provavelmente macacos em zoológicos ricos também estão em maior risco de serem vendidos ou alugados para outros zoológicos para fins comerciais, se perde deles e aparece como um estranho em uma grupo desconhecido. Assim, enquanto os chimpanzés como Guillermo, morrer seria um alívio, espero que os vizinhos do bordel ainda sigam vivos.

Como deu a entender o proprietário dos chimpanzés vizinho do prostíbulo, ninguém vai levar ninguém a juízo para perguntar como os macacos escaparam, ou porque dispararam balas em vez de dardos sedativos. Vocês podiam exigir responsabilidade sem fugir de cometer qualquer dano, mas não resolve o problema da baixa rentabilidade dos macacos, ao acertar um par de tiros. E se, como nos explicaram, foram às autoridades que lhes deram os macacos, porque não tinha onde colocá-los, e agora eles não podem mantê-los? Não há como devovê-los, porque o Estado não tem um centro de resgate único de símios em todo o território espanhol. Além disso, o decreto estabelece claramente que faltando à opção do zoológico só resta matá-los ou destiná-los a experimentação. Sendo assim, pouco importa quem puxa o gatilho.

Ninguém pode dizer que este decreto prevê a "solução ideal" para a qual estávamos esperando há 20 anos. Precisamos de uma Lei dos grandes símios ou uma lei mais geral, que, na verdade, inclua uma solução. Além disso, assim como existem canis municipais, o Estado deve ter um centro de resgate para abrigar os macacos apreendidos, abandonados ou abusados. Se começarmos simplesmente a castigar os proprietários que não cumpram com as novas regulamentações sem dar-lhes a opção de dar para adoção o seu macaco, estaríamos empurrando-os para se livrar deles ou mantê-los escondidos. Impor uma multa ou fechamento temporário de um recinto, que é o que a lei prevê para zoológicos, pode sair pela culatra, deixando o proprietário sem recursos para fazer as melhorias necessárias ou até mesmo para alimentar os macacos. É preferível dar-lhes a opção de fazer essas melhorias dentro de um determinado período ou entregar as amostras para um centro de recuperação, financiado por uma despesa fiscal sobre o comércio de espécies exóticas. O Estado poderia assumir assim, a muito baixo custo, ao menos uma parte de sua responsabilidade, em vez de deixar tudo nas costas do PGSE.

Nosso país nunca deveria permitir que se raptassem os símios por todo mundo para alguns se divertirem e outros se enriquecerem. Agora que os macacos estão aqui e não podem voltar, surge a obrigação coletiva de conseguir algum lugar onde eles possam levar uma vida digna.

Já que PGS não tem fundos para adotar todos os macacos do país, não há outra escolha a não ser tentar trabalhar com os atuais proprietários para melhorar suas instalações e seu tratamento, cabendo à população a vigilância que não que não é fornecida pelo Estado, nem pela lei. No caso de Guillermo, a Direcção Geral de Pecuária do Governo das Canárias finalmente emitiu um relatório em favor da nosa petição de incautos.

Nos termos do artigo 5º do Real Decreto 1881/1992, de 16 de Setembro, as espécies símias e Prosimiae só podem ser trocadas entre instalações permanentes e oficialmente autorizadas dedicada a criação, exposição, experimentação, conservação, sendo que Guillermo não foi usado para qualquer desses fins.¹³ Além disso, felizmente, nas Ilhas Canárias proibiram a venda ou posse particulares dos símios por razões de saúde pública (como o risco de tuberculose, AIDS, hepatite ou Ebola) e porque, dadas as necessidades etológicas e das altas necessidades básicas de bem estar, e livre comércio, a posse destas espécies violaria Artigo 4.2.C da Lei 8/1991, de 30 de Abril, sobre proteção animal das Canarias.¹⁴ O relatório também alerta que Guillermo não tem nenhum projeto de lei que lhe ampare e poderia escapar e atacar alguém.

Somos gratos à veterinária, que incluiu todos esses pontos do relatório, que são juridicamente relevantes e apoiam o veredito de alienação. Agora, é muito provável que Guillermo escape da gaiola de que não saiu em doze anos. Também não é pouco provável que, por ele ter estado sempre isolado, tenha

¹³ Ver BOE 249, de 18.10.1994.

¹⁴ Ver BOC 62 de 13.5.1991 e 19.5.1995.

enfermidades contagiosas. A decisão de apreender Guillermo não deveria depender dessas especulações. O importante é que o relatório também aponta que a gaiola também é muito difícil de limpar, mede apenas 2x2 metros, quando o mínimo recomendado para esta espécie é 4.2x4.20x3 metros. O telhado é metálico apresenta temperatura extrema, o que provoca escuridão constante e transtornos mentais em animais diurnos, impedindo estes espécimes de ter relações sexuais, fazer ninhos, jogar e estar com seus amigos.

Se existisse uma lei nacional que protegesse os macacos, Guillermo já estaria se recuperando em Madrid, mesmo que nem todas estas circunstâncias fossem legalmente decisivas, mas moralmente irrelevantes. E, dada a tendência a arrastar-se no país com os processos que ocorrem administrativamente, apesar de listar a jaula de transporte e permissão da companhia aérea, dificilmente será possível resgatar Guillermo.

É evidente que deveria haver uma lei que protegesse esses indivíduos, que sendo nossos parentes evolutivos mais próximos, têm caído em um buraco absurdo; não é nenhuma loucura, mas algo que requer bom senso. Loucura é que alguém possa passar 12 anos torturando Guillermo, e que a ação principal da lei a este respeito é a de defender a propriedade privada da jaula e da pessoa de Guillermo, e manter com as mãos amarradas todos que o querem fora deste inferno.

4 As propostas

No início de setembro de 2005, a imprensa mundial divulgou a determinação final da semelhança genética entre humanos e chimpanzés, e o

resultado foi 99%,¹⁵ – e não apenas a 98% como assumia este artigo e anunciava também a extinção de todos os grandes macacos nas próximas três décadas, muito antes do que esperava.¹⁶ Dias depois, o deputado verde para o Sevilla, Francisco de Asis Garrido, veio apresentar ao parlamento espanhol a seguinte proposta de lei:

A Câmara dos Deputados declara ao governo a sua adesão ao projeto do grande símio e que realizará as ações necessárias em fóruns e organizações internacionais para a proteção de grandes símio scontra maus-tratos, escravidão, tortura, morte e extinção. No Salão da Câmara dos Deputados, a 05 de setembro de 2005.

Imediatamente começaram a receber cartas de apoio das universidades mais prestigiadas do mundo, e Garrido e Pozas planejaram fazer uma apresentação no Congresso das razões para a proposta, que foi transmitida aos deputados pelo circuito interno. E assim foi como Cuellar, Pozas e eu ficamos em Madri, na primeira hora junto aos leões, naquela manhã memorável de 25 de abril de 2006, o que nos permitiu levar os direitos dos macacos a tão alta estância.

Tanto interesse despertou essa ideia de que quando se tenta chegar ao escritório de Garrido, que ao chegar na sala que havíamos organizado para a exposição, nos deparamos com um mar de câmeras e microfones. Após as entrevistas, os jornalistas ocuparam a sala. Pozas levava artilharia pesada em seu computador: vídeos legendados dos macacos conversando em linguagem

¹⁵ Ver “O homem e o chimpanzé compartilham o 99% de seus genes”, *O país*, 31.8.2005; M. Ruíz y A. Boto, “Humano e chimpanzé compartilham o 99% do DNA”, *O País*, 1.9.2005; E. Culotta, “Chimp Genome Catalogs Differences with Humans”, *Science*, 2.9.2005; P. Quijada, “Grandes símios, primos irmãos” *O Mundo*, 12.11.2006.

¹⁶ A. G. Rojas, “A ONU alerta do perigo de extinção que ameaça os grandes símios”, *O País*, 2.9.2005; M. C. Hauser, “Beyond the Chimpanzee Genome: The Threat of Extinction”, *Science*, 2.9.2005; A. Jolly, “The Last Great Apes”, *Science*, 2.9.2005.”O Ébola tem matado já 25% dos gorilas da planície africana” *O Mundo*, 8.12.2006, “Salvar o irmão macaco” *O Mundo* 27.2.2001. “A grande demanda de telefones moveis põe em perigo os gorilas do Congo,” *O Mundo*, 4.7.2001.

surdo-mudo, inventando novas palavras, contando, cozinhanhando, brincando de médico, aplicando uma injeção no cachorro e consolando a mãe que havia tido perdido o filho quando estava grávida; mapas e gráficos do rápido desaparecimento de habitats e muitas fotos que mostram os maus tratos de macacos em cativeiro. Em seguida, vieram as perguntas. Ele passou uma hora e meia, e nenhum jornalista levantou de seu assento.

A notícia da primeira defesa dos direitos símios no parlamento saltou as primeiras páginas dos jornais e dos ataques e defesas estas páginas ocuparam a imprensa por muitos dias consecutivos.¹⁷ O debate durou vários meses, e se espalhou por todo mundo.¹⁸ Ainda hoje é rara a semana que não é publicada alguma reportagem, artigo de opinião, ou comunicado da imprensa sobre o assunto. Esses artigos comentam às vezes, precisamente que nunca foi uma proposta de lei que tem levantado tantos jatos de tinta em colunas e editoriais. Foi provavelmente a primeira vez que todos os direitos dos animais e desde logo os direitos dos símios tornaram-se o tema da conversa que ocupava a atenção do país, desde pontos de ônibus a corredores de trabalho, além dos encontros radiofônicos e televisivos. Os motoristas de táxi, bispos, atrizes, professores, todos, durante a noite pensaram sobre os direitos dos macacos.

Ao descobrir que os símios eram criaturas com capacidade comparáveis aos das crianças de dois ou três anos e estavam sendo mutilados e massacrados e enjaulados sem que haja uma boa razão para isso, a maioria dos espanhóis

¹⁷ Ver, por exemplo, *Mudar 16*, 15.5.2006, *ABC*, 1.5.2006; *O Mundo* 10.6.2006.

¹⁸ Hugh Warwick, que me entrevistou para *The Guardian*, 7.6.2006, comentou que ia surpreender muito a Espanha mais afrente neste e outros países, quando tem a pior fama na Europa enquanto a crueldade animal e o que estão acostumados a encontrar na imprensa os ingleses são chamados ao boicote turístico da Espanha por esta questão. Esta notícia sacudiu a percepção popular da civilização nórdica frente a brutalidade medieval do sul.

teve o bom senso de apoiar proposta.¹⁹ Outros, porém, fizeram piadas com pedantismo inconsequente.

Grande parte das críticas versou sobre a gramática espanhola. Somos criticados por ter voluntários com excesso de trabalho que em algum momento fez o terrível crime de esquecer uma vírgula ou por não chamar “projeto grande símio”, que é como criticar o Greenpeace por não falar explicitamente de salvar as baleias.²⁰ Foi dito também que o uso do adjetivo "humanos" em relação aos direitos é uma prática jornalística que não apoiamos. Os direitos que se pedem para os macacos são os direitos dos símios e somente são humanos no sentido de que os seres humanos já têm, ou que os seres humanos são os únicos que concedem do mesmo modo que os direitos das mulheres afegãs, e não direitos viris ou algum outro grupo que já os tenha e pode ser concedido.²¹ Para se referir aos direitos dos grandes primatas poderia se falar talvez em direitos *pongídeos* ou para incluir também os seres humanos dos direitos dos *hominídeos* ou não *hilobátidos hominóides*, de acordo com o ranking. No entanto, pode ser mais correto falar em direitos dos indivíduos, já que a base do direito não é a filiação de uma espécie biológica, senão pelos interesses que possuem os seres com certas capacidades. Pela mudança de nome, o lógico seria que chamasse-os “Projeto de pessoa”.

As objeções éticas ou filosóficas são poucas e podem reunir-se em três grupos: as relativas aos direitos dos embriões, anencefálicos, comatosos ou mortos, que são humanos, já que eles têm o DNA de nossa espécie, mas não são pessoas (porque não têm consciência de si mesmo e outras características

¹⁹ Segunda a votação de 20 Minutos, o 69% dos 23.787 votantes apoiaram a proposta de lei. <http://www.20minutos.es/encuesta/504/> 7.11.2006.

²⁰ Ver J. L. Pardo, “Projeto Grande Simio e progresso moral”, *O País*, 10.6.2006 y A. Cortina, “A pequena simia”, *O País*, 5.9.2006.

²¹ Véase *O Mundo* 24.4.2006.

das pessoas); as relativas aos direitos que são humanos e pessoas, e as relativas aos direitos dos animais que não são nem humanos, nem as pessoas.

Começando com o primeiro tipo, Fernando Sebastián, arcebispo de Pamplona, admitiu não entender como podem ser concedidos direitos aos macacos e não aos embriões humanos. Dois meses mais tarde, seu porta-voz, o padre Santos Villanueva, disse à Reuters que os jornalistas tinham feito manchetes fora de contexto, e que na realidade o arcebispo estava realmente em favor da proteção dos macacos e todos os animais. Apenas pensei em dar prioridade para os seres humanos, o que não é algo que contraria a proposta.²² Em todo caso deveria ser esclarecido este ponto.

Apoiar o projeto é compatível com muitos pontos de vista diferentes sobre a proteção que deve receber os embriões. Desejar proteger os macacos é evidentemente coerente, com um desejo geral de proteger a vida. Mas não há nenhuma contradição em um conjunto de células que se divide sob as ordens de um código genético, o mesmo em uma criança de três anos e uma não humana de capacidade comparável que opera sob o comando de seu cérebro. Elas sabem quem são e têm amizades, a curiosidade, a linguagem, o humor e a reciprocidade, senso artístico e estético, lembranças do passado e planos para o futuro.

Embrião não tem desejo de sair da sua espécie; ele vai se desenvolvendo e adquirindo habilidades, tais como dor, que gera uma responsabilidade moral não produzi-la. O mais lógico é estabelecer proibições adequadas a cada nível de desenvolvimento e alcançar igualdade de tratamento entre iguais e desigualmente os desiguais. Como disse Aristóteles, é disso que consiste a justiça.

²² Jason Webb, “Spanish Parliament to Demand Rights for Apes”, *Planet Ark* 28.62006, <http://www.planetark.com/avantgo/dailynewsstory.cfm?newsid=37021>

A crítica do segundo tipo mais difundido pela imprensa foi atribuída à nova presidenta da Anistia Internacional, Delia Padron, que disse que não se deve dar proteção legal para os macacos, enquanto ainda há violações de direitos humanos.²³ Segundo esta abordagem, tampouco deveríamos ter praticamente nenhuma outra meta. Mas, obviamente, ambos objetivos e muitos mais são perfeitamente compatíveis. Mesmo admitindo que a menor violação de qualquer um dos 33 artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, que inclui, por exemplo, o direito a férias pagas, foi mais grave do que a tortura e extermínio de todos os macacos, sendo assim não haveria razão para tentar evitar ambos os tipos de abuso.

A tortura é pior do que receber um salário mais baixo com base no sexo ou raça, mas seria absurdo dizer que não se deve legislar contra a discriminação até que a tortura seja completamente erradicada. Os direitos humanos já desfrutam de leis específicas, porém na prática continuam a ser violados. Além disso, é provavelmente mais fácil respeitar os direitos humanos em um mundo em que está proibido também violar os direitos hominídeos.

O último tipo de acusação é que nos preocupamos com os macacos porque parecemos fisicamente com eles, e levam nossos genes, mas excluem-se o resto das espécies. O projeto se insere, portanto, no antropocentrismo e especismo que muitos defensores criticam. Essa acusação é baseada em uma interpretação errônea do projeto e, portanto, geralmente a partir do setor animalista que não se conhece. A similaridade genética com os seres humanos, e pertencentes a uma espécie que carece de importância moral para o Projeto, que tem outras razões para se centrar em macacos, que não assumam a indiferença para outros animais.

²³ <http://www.libertaddigital.com/php3/noticia.php3?cpn=1276277532>

Em primeiro lugar, a descoberta da nossa semelhança genética é fascinante, mas que, em si mesmo, provavelmente carece por completo de importância moral. Se não faz sentido mencionar este achado é porque antes de uma alta similaridade genética como esperado, apenas uma semelhança muito alta em uma série de características e capacidades que têm significado moral. A similaridade genética não gera obrigações morais, mesmo dentro da mesma espécie, por isso temos as mesmas obrigações morais para com as crianças produzidas usando óvulos próprios do que aqueles produzidos com óvulos doados.

Em segundo lugar, essas características e capacidades, de que não tivemos evidência direta alguma antes do fim da contagem do genoma, têm um significado moral em si mesmas e não porque se trata de características e capacidades que têm os seres humanos. Se a semelhança era a base das obrigações, devem ser dados direitos especiais para os pinguins pelo andar bípede, ou as rãs por terem pele lisa como nós. Mas com base nos direitos eles não são semelhantes. Os recursos estão diretamente relacionados a obrigações. Por exemplo, os símios assentem que a amizade não é importante, porque os seres humanos também assentem, mas porque essa habilidade faz com que os seres humanos e os macacos sofram muito quando são separados para sempre de seus entes queridos. É o sofrimento que não é parecido em geral com a obrigação de não separar pela força um inocente de todos os seus seres queridos. Dizer que não nos parece apenas uma forma abreviada de se referir a todas as características moralmente relevantes e capacidades que temos e eles também têm.

Por último, o feito de que o indivíduo pertence a alguma das espécies dos grandes símios, é dizer que seja um símio grande sem calda sem tampouco constituir a base dos seus direitos. Como dito, o importante é que tenha certas

capacidades. As capacidades de um indivíduo dependem, entre outras coisas, da espécie a que pertencem; mas a base dos seus direitos são suas capacidades, não sua espécie.

Pode-se dizer que, embora ainda haja boas razões para se especializar, não há nenhuma para se especializar nos símios. Pensamos, no entanto, se quebrar a barreira das espécies em algum lugar, faz sentido começar com grandes símios, que apresentam o caso mais claro. Sendo nossos parentes mais próximos, que nos parecem tanto, que a maioria das razões que temos para explicar porque não se deve matar, encarcerar injustificadamente ou torturar a um ser humano, são também razões para não matar, encarcerar ou torturar a um símio. Há pessoas que pensam que deveria ser proibido matar, manter em cativeiro, explorar ou molestar qualquer animal, seja um rato, marisco ou inseto. Sua tarefa é evidentemente mais difícil que a nossa. Não é fácil explicar a importância da liberdade para uma ostra carente de mobilidade e vida mental o valor da continuação da vida de um indivíduo que carece de memória e continuidade psicológica. É o caso dos símios, que têm demonstrado em numerosas experiências possuírem todas as características e capacidades associadas ao conceito de pessoas. Pode haver cetáceos e elefantes que também sejam pessoas. Mas o lógico é começar pelo caso mais claro e melhor documentado, sobretudo quando sua defesa é também, como se explica a continuação, por um lado especialmente viável, e do outro especialmente urgente.

O projeto é viável, especialmente por duas razões. A primeira é que, por ser um caso tão claro, a maioria das pessoas bem informadas aceitam nosso pedido. De fato, na Espanha, a maioria das pessoas assume que os macacos já desfrutam de proteção legal que pedimos. Eu suponho, porque acho que seria normal. A segunda é que a defesa dos símios não choca nem a Espanha nem a

Europa, contra os poderosos interesses econômicos que têm frustrado tantas campanhas de outros animais. Como indicado acima, os europeus abandonaram a experimentação em macacos, tampouco não os comemos, e a maioria das pessoas não querem que os símios sigam sofrendo terrivelmente como toda a sua vida em uma jaula decadente, apenas para ser visto por alguns minutos. A maioria prefere vê-los livres e felizes, com seus pares em um grande parque.

O projeto também é especialmente urgente, por três razões. A primeira é que os grandes símios estão como explicados na seção IV, à beira da extinção. A segunda é que, como explicado na Seção II, muitas vezes não têm proteção jurídica de que desfrutam outros animais. E a terceira é que a capacidades dos grandes símios faz com que sofram, especialmente porque, por causa de sua semelhança com os seres humanos, são perseguidos por atividades que parecem com outros animais, e outros, porque, devido a diversas características que compartilham com os seres humanos, quando se relacionam com outros animais, eles suportam o pior. Por exemplo, sendo eles de longa vida e com memória em longo prazo, os símios prolongam o sofrimento pela memória e medo, sendo carinhosos e sociáveis, suportam de forma pior o isolamento e a perda de entes queridos; e sendo mais ativos e inteligentes, sofrem mais quando têm mobilidade e sem nada para fazer. Além de serem seres culturais, e serem criados em jaulas, tornam-se o equivalente as meninos loucos, ou seja, algo muito diferente do que somos na sociedade, e nem sequer sabemos como cuidar de nossos filhos, porque o nosso comportamento é aprendido e não apenas instintivo.²⁴ Isto faz os macacos sofrerem especialmente com aquilo que

24

http://blogs.periodistadigital.com/ultimahora.php/2006/04/25/narbona_no_hay_reconocimiento_de_derecho

também sofrem outros animais.²⁵ Por exemplo, por causa de sua capacidade de compreender a linguagem falada através de um microfone e responder linguagem surda muda diante de uma tela, foram utilizados na pesquisa espacial, e por causa de sua inteligência e capacidade de aprendizagem ainda são sequestrados para trabalhar no circo, cinema, boxe e outros entretenimentos. Por causa de sua combinação de força física e inteligência, para dominá-los e empregar-lhes drogas, algemas e espancamentos, arrancam os dentes, e lhes cortam as cordas vocais. Devido a sua semelhança com os seres humanos, após ter sido utilizados como astronautas ou em circos, têm hepatite, câncer ou AIDS,²⁶ e são destinados à experimentação. A semelhança com os seres humanos também faz com que sejam representados na indústria de exploração sexual.

Obviamente, nenhuma dessas razões para apoiar o projeto é específica e antropocêntrica, nem supõem indiferença para os demais animais. Na verdade, a maioria dos voluntários PGSE veio do movimento animalista e nossa esperança é que os símios se tornem embaixadores do reino animal, que façam com que as pessoas sem unam.

Felizmente, quando começaram a aparecer todas estas críticas, ambientalistas e grupos de direitos dos animais na Espanha, como Altarriba, ALA, Pacma, WWF / Adena e Aiuda, Greenpeace e Ecologistas em Ação, surgiu para a nossa defesa como um homem (ou melhor, uma mulher, porque as mulheres são mais frequentes nesses grupos). E em 11 de julho de 2006,

²⁵ Ver, por exemplo, *O Mundo*, 24.4.2006 e 25.4.2006, a resposta de E. R. Luján em *O País*, 30.4.2006. Padrão recebeu protestos dos membros de Anistía que são membros do PGSE e de AJUDA (Asociação Inter-Universitaria para a Defesa do Animal) e explicou a Garrido que se tratava de um comentário pessoal, tirado de contexto, com ele não tinha intenção de dano al Projeto. As declarações iniciais seguem aparecendo em numerosas páginas.

²⁶ <http://www.hazteoir.org/modules.php?name=Noticias&file=article&sid=2205>
http://www.cronicasocial.com/hem/20060502/ACTUALIDAD_COMUN/tercersector/tercersector_noticia5.html
<http://www.eldiarioexterior.com/noticia.asp?idarticulo=9671>

deixando sua posição ainda mais clara, Garrido tinha um novo projeto de lei, pedindo a proteção legal de todos os animais. O texto da nova proposta foi a seguinte:

A Câmara dos Deputados e o Governo a apresentam, dentro de um período não superior a seis meses a partir da data de aprovação desta proposta de lei, um projeto de lei para alterar a Lei Orgânica 10/1995, 25 de novembro do Código Penal, que contém:

A inclusão de um título específico, por crimes contra os animais.

2. A criminalização de comportamentos que causam a morte desnecessária ou cruel, tortura, abuso ou injustificada experimentação animal.

3. A criminalização da exploração, experimentação, comércio, escravidão, sequestro, tortura, maus tratos e morte de grandes primatas.

A proposta anterior foi aprovada em 28 de fevereiro de 2007, no Parlamento das Ilhas Baleares. Os conservadores, que eram maioria, se abstiveram e praticamente todos os outros votaram a favor. Garrido, Luís Silva (webmaster), e servidora tiveram a honra e a alegria de anunciar este resultado em uma conferência de imprensa no próprio Parlamento.

5 Os direitos

Aproximadamente quinze anos atrás, falava-se em de três espécies (chimpanzés, gorilas e orangotangos) e três direitos (vida, liberdade e integridade). No entanto, o nosso logotipo tem as marcas de mãos de cinco espécies, incluindo humanos, e da primeira proposição de lei incluem-se cinco direitos.²⁷ Ambas as mudanças requerem uma breve explicação.

Primeiro, enquanto uma vez considerado o bonobo (*Pan paniscus*) como uma subespécie de chimpanzés (*Pan troglodytes*), agora sabemos que os chimpanzés não são pessoas pequenas, ou como se costumava dizer, "pigmeus", mas sendo parte de sua própria espécie, tendo um comportamento

²⁷ Ver P. Casal, "O planeta sem macacos" Códigos de razão prática 116, Outubro de 2006.

muito diferente. Há também aqueles que acreditam que as diferenças entre os orangotangos de Bornéu (o *Pongo pygmaeus pigmeus*, PP e PP *wurbii morio*) e Sumatra (eu coloquei *abelii*), embora menos claras do que entre chimpanzés e bonobos, são suficientes para reclassificá-los como duas espécies. Além disso, na República Democrática do Congo foi descoberta uma nova espécie de macaco do tamanho de um ser humano que provavelmente será extinta, antes que possamos estudá-la.²⁸ Na verdade, há menos macacos no mundo, e todas as espécies estão criticamente em perigo.

O número de macacos caiu, enquanto aumenta o número de espécies e, também, como veremos o número de direitos solicitados. A primeira proposição de lei não menciona apenas a tortura, mas também o abuso. É geralmente aceito que a tortura é infligir sofrimento, físico ou mental, intencionalmente, a fim de obter informações, ou algum outro benefício, de um indivíduo. Defender esse direito é particularmente importante em países como os EUA, onde 1.280 dos 3100 animais contados pelo projeto estão sendo torturados em nome da pesquisa biomédica. O problema é que macacos espanhóis são negligenciados. O proprietário se ausenta, se esquece, fica sem fundos, ou simplesmente não sabe como tratá-los e eles se continuam presos ou acabam mortos de calor ou frio, sem comida, sem água, sozinhos, deprimidos e em seus próprios excrementos.

Qualquer vida em liberdade é preferível a destes símios. Mas o futuro dos macacos também é cada vez mais sombrio. Ao escrever um artigo analisando

²⁸ E, por vezes, o sofrimento simio é maior do que em outros animais, mas também a de muitos humanos utilizados para os mesmos fins, tanto na indústria espacial, farmacêutica, sexual, ou de entretenimento. Os seres humanos têm milhares de leis que os protegem e, geralmente, tem um trato muito melhor e um risco muito menor. Macacos não tem nenhum, então não há praticamente nenhum limite para o que eles podem fazer. Os seres humanos têm uma compensação-como dinheiro, fama ou glória de fazer história, de modo que muitas vezes requer desdentar, umidecer e gopea-los para que entrem no foguete ou um conjunto. Até uma infecção pode ser pior para um macaco, porque os seres humanos pode tomar precauções para evitar infectar outras pessoas, mas o simio tem que ficam enjaulado solitario para não contagiar os demais

os dados que temos, porque morrem tantos animais a cada dia, que nós mesmos passamos anos alertando o público sobre esta questão, ficamos horrorizados ao ver os poucos sobreviventes restantes. Destes há apenas 70.000 a 100.000 chimpanzés, 60.000 a 80.000 gorilas, 20.000 a 30.000 orangotangos e menos de 10.000 bonobos.²⁹ Em algumas subespécies, como os gorilas da montanha e gorilas do rio Cross, há apenas entre 100 e 200 indivíduos, e até mesmo algumas subespécies que até recentemente eram muito mais numerosas, e de repente estão à beira da extinção. 90% dos gorilas da planície do leste, por exemplo, desapareceram em apenas três anos de guerra no Congo, e em Sumatra, onde cerca de 1.000 orangotangos desaparecem a cada ano, há apenas 6.000.³⁰ O destino dos orangotangos, bonobos e três das quatro subespécies de gorilas, será decidido nos próximos quatro ou cinco anos. Então não haverá nada a fazer, porque não haverá pessoas com um conjunto de genes suficientes para sobreviver, ou será capaz de acomodar habitats para as suas populações de macacos anteriores. Não haverá macacos suficientes que saberão viver na selva e possam transmitir sua cultura para outros.

Esta é a razão que, embora o artigo centra-se na defesa dos direitos individuais dos três macacos em cativeiro, o PGSE se ocupa também com a extinção das espécies. A destruição do habitat do símios e a consequente extinção dos macacos é uma tragédia, do ponto de vista da biodiversidade e do valor intrínseco dos ecossistemas complexos. Para aqueles que acreditam que os macacos são pessoas, este processo é uma espécie de genocídio. E queremos

²⁹ Bom, na realidade apesar de que tem injetado o vírus, eles não chegam a desenvolver a aids. Por isso, os vinte anos que levamos infectando-lhes, danificando químicamente sua imunidade, e sujeitando a incontáveis experimentos não tem dado nenhum fruto.

³⁰ A segunda se refere a oito delistas, da metade das quais não figuram na primeira proposta, mas se devrívam igualmente do status moral da pessoa. Uma pessoa pode ter coisas em sua propriedade que podem ser adotadas, mas seu tutor não pode compra-la, vende-la ou aluga-la (delito de comercio). Por o mesmo uma pessoa não é roubada ou sequestrada somente poderão ser submetidas a experimentos biomédicos se consentir

não usar esta palavra; a questão é que a destruição de todos os bonobos, como todos os Yanomami, é algo diferente da violação dos direitos individuais dos membros desses grupos. Portanto, o marco conceitual fornecido por este artigo e os três direitos da declaração nos tem ficado um pouco pequenos para a tragédia iminente diante de nós.

Ainda há, não só nos países pobres, caçadores ilegais que decapitam famílias inteiras de símios para comer sua carne, vender seus filhotes e fazer troféus e chaveiros para turistas, sendo que nos países ricos ainda há proprietários legais que matam impunemente os símios em cativeiro porque deixaram de ser considerados divertimentos lucrativos, ou porque o laboratório os feriram tanto que não servem para mais experimentos. Não fizeram nada para merecer tal castigo, e mesmo assim são condenados à prisão perpétua, e definham, como os mortos vivos, durante mais de meio século de existência.

6 Campanhas

O que pode ser feito? Nacionalmente continuamos a trabalhar com Garrido para obter uma Lei dos Grandes Símios ou um projeto de lei mais amplo que inclui a criminalização da "exploração, experimentação, comércio, escravidão, sequestro, tortura, maus tratos e morte de grandes macacos".

O censo deve continuar sendo atualizado. Já contava com 205 macacos no estado espanhol, mas ainda aparecem macacos abandonados, então provavelmente ainda é preciso registrar mais. O formulário de inscrição nem sempre é preenchido completamente, porque inclui uma ou mais fotos de cada símio, local e data de nascimento, relação com outros macacos censados, residência, tamanho, dieta, doenças, notas sobre seu comportamento e comentários sobre a situação em que o macaco foi visto na última visita. Para a integralidade dividimos o território-Pozas ao norte, Cuellar ao Sul, e eu nas Canárias, e tivemos a ajuda de vários voluntários que forneceram dados que

estavam faltando em colaboração com veterinários ou cuidadores em cada centro.³¹ No censo também escrevemos o que sabemos de sua biografia: se foram sequestrados da natureza ou nascidos em cativeiro e, se trabalharam em um circo ou com um fotógrafo de rua; se tem muitas cicatrizes, marcas de algemas ou maus-tratos; se foram arrancados os seus dentes ou sofreram desnutrição; se foram cortadas as cordas vocais; se tinham filhos e se seu paradeiro é desconhecido; se tiveram um parceiro ou uma forte ligação emocional com qualquer outro macaco que estava no mesmo recinto, e se esta separação provocou depressão, anorexia, bulimia, tricotilomania, ou outros hábitos compulsivos, e se está melhorando, igual ou pior.

A investigação requerida pelo censo, e as chamadas que recebe o PGSE, avisa-nos de todos os macacos e especialmente aqueles em pior situação. O trabalho de PGSE não é então apenas o censo, mas para denunciar o abandono, a desnutrição, abuso ou posse ilegal destes macacos. Nestes casos, procuramos trabalhar com os correspondentes, melhorar a sua situação, e se ele continua a ser crítico, tentamos resgatá-los e levá-los para o santuário Rainfer de Madrid, ou qualquer outra instalação onde podem viver em condições minimamente aceitáveis.

Em Rainfer desfrutam dos cuidados do seu diretor, Guillermo Bustelo, têm um grande espaço ao ar livre onde podem subir e balançar, e se relacionam com outros primatas resgatados. Eles também recebem visitas de voluntários do PGSE e pesquisadores que estão fazendo lá quaisquer estudos ou trabalhando em sua tese de doutorado. Além dos chimpanzés em Rainfer, há mais de 150 primatas de cerca de 60 espécies que oferecem muitas possibilidades para pesquisas com primatas. Nas Ilhas Canárias, a ajuda de Francisco Gonzalez e

³¹ “Um simio gigante, gorila e chimpancé híbrido, vai do Norte da República Democrática do Congo”, *O Mundo*, 7.10.2004. Ver também o site <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/3730574.stm>.

Miriam Perez tem sido fundamental para localizar e apreender todos os macacos que foram recuperados nas ilhas.

A este respeito, deve-se esclarecer que nem o PGSE se opõe em absoluto à investigação, mas apenas à experimentação prejudicial e contrária aos interesses dos macacos. De fato, além das tarefas relacionadas com a reforma da lei, o censo, o resgate e a reabilitação dos macacos, uma das principais atividades é a de promover e divulgar PGSE, não apenas as obras filosóficas que podem sensibilizar a opinião pública explicando argumentos morais que apoiaram o projeto, mas também os trabalhos científicos que ampliem o conhecimento acerca dos macacos. Divulgar os resultados de pesquisa é uma parte importante do nosso trabalho, até porque quanto mais os cientistas descobrem sobre os macacos, mais nos dão razão.

Além de trabalhar em âmbito nacional, nestas cinco áreas de reforma legal, os relatórios de censo, salvamentos e alcance, temos que lutar contra três outras frentes internacionais. O primeiro é promover a colaboração entre os ricos e os pobres para evitar a extinção dos animais. O segundo é o de apoiar a formação de outros grupos como o nosso, e depois trabalhar em suas campanhas. E a terceira é apoiar projetos para a proteção dos macacos e dos seus habitats em outros países. Por exemplo, estamos colaborando com Rebeca Atencia e Fernando Turmo, trabalhando no santuário Jane Goodall no Congo Brazzaville, com José Gomez, que está tentando criar um santuário para chimpanzés no rio Bandama, uma ilha fluvial na Costa do Marfim. Ainara Idoiaga cuida de chimpanzés no santuário Pandrillus na Nigéria juntamente com Carmen Vidal, que trabalha em um santuário na República Democrática do Congo, com Rosa Garriga que cuida de orangotangos órfãos em Tanjung

Puting, Bornéu, até que estejam prontos para voltar à selva; e Karmele Llano, que trabalha no resgate e retorno de orangotangos no Jakarta.³²

Os relatórios que eles nos enviam são realmente assustadores, e com a expansão das plantações de palmeiras de azeite, a situação de orangotangos é ainda pior: os adultos são mortos com paus ou queimados vivos, e os filhotes são vendidos; eles acabam amontoados em gaiolas e utilizados em shows de boxe, sendo algemados a uma cama de bordel onde são enfeitados, maquiados e estuprados.

O óleo de palma, como madeira tropical, é o produto que os europeus consomem e assim, na África e na Indonésia, além de apoiar projetos de resgate e proteção, o PGSE tenta informar os consumidores sobre o verdadeiro custo da compra desses produtos. As pessoas tendem a pensar que o sofrimento e desaparecimento dos grandes símios nada têm a ver com eles. Mas seguramente tem fornecido a destruição dos bosques primários comprando objetos fabricados com madeiras tropicais como Sapelli, Elondo, Iroko, ou Ayous. Provavelmente usam também sabonetes ou cosméticos feitos com o azeite de palma e usam jogos eletrônicos e telefones móveis que contêm Coltan, cuja extração se dá em parques nacionais, como Maiko e Kahuzu Biega, o que acelera vertiginosamente a extinção dos gorilas.

Além de conscientizar o consumidor espanhol, o PGSE também organiza protestos para que se extinguam as práticas devastadoras contra os símios, como a prostituição e o boxe com orangotangos na Tailândia.³³ Ressalta-se que

³² A. G. Rojas, “A ONU alerta do perigo de extinção que ameaça os grandes símios”, *O País*, 2.9.2005; M. C. Hauser, “Beyond the Chimpanzee Genome: The Threat of Extinction”, *Science*, 2.9.2005; A. Jolly, “The Last Great Apes”, *Science*, 2.9.2005. “Os investigadores advertem que os grandes símios africanos podem extinguir-se em dez anos,” *O País*, 7.4.2003.

³³ A. Jolly, *ibid.*

a venda de carne dos símios no EUA, Canadá, Reino Unido, França e Bélgica, ainda pode ser a fonte de novos retrovírus.

Estas e outras informações aparecem regularmente no *Nautilus*, a revista eletrônica mensal fundada por Pozas, que desde maio de 2003 difunde as notícias relevantes para o projeto, e com o fim do recanto do genoma, o encontro de restos arqueológicos que confirmam e refutam certas teorias evolutivas.

Os folhetos impressos, os comunicados da imprensa, as conferências, as entrevistas, as páginas da web, as manifestações, as visitas do censo, as fichas dos sócios e tantas coisas mais, dão muito trabalho. Mas senão continuarmos lutando, esse animais continuarão sendo sequestrados e escravizados, e seguirão sofrendo horivelmente e sem necessidade. Senão atuarmos prontamente, seguirá caindo após o outro, de um tiro, um incêndio, ou uma machadada até que não fique nenhum vivo. E já sabemos que há muitos outros problemas no mundo, mas que para resolver este somente ficam os anos. É agora ou nunca. Se as coisas não mudarem muito rapidamente, todos os símios morrerão. E uma vez que tenhamos aniquilado a toda nossa família evolutiva de nada adiantará arrependermos, porque já não poderemos devolver-lhes a vida.